



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a rádios do estado de Roraima - Rádio Equatorial 93,3 FM, Rádio Monte Roraima FM 107,9, Rádio Roraima AM 590, Rádio Folha AM 1020 e Rádio Tropical - FM 94,1

Boa Vista-RR, 14 de setembro de 2009

Jornalista: Faltam sete minutos para as 10 da manhã e nós falamos ao vivo da sala VIP do Aeroporto Internacional de Boa Vista, onde o presidente Luiz Inácio Lula da Silva acaba de chegar para visita oficial ao estado de Roraima, e aqui ele conversa com jornalistas, em rede de cinco emissoras de rádio.

Conosco, então, Márcia Seixas, FM Monte Roraima.

Jornalista: Consuelo Oliveira. Presidente, bom dia, rádio Tropical e também Transamérica, cobertura de 80% do estado de Roraima.

Jornalista: Natanael Vieira, rádio Folha AM.

Jornalista: Mário César, rádio Equatorial, 93FM.

Jornalista: Aldenor Pimentel, rádio Difusora, Roraima.

Jornalista: O presidente Lula vem, em visita oficial a Roraima, acompanhado dos ministros Edison Lobão, de Minas e Energia; Alfredo Nascimento, ministro dos Transportes; Celso Amorim, Relações Exteriores; ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff; Marcio Fortes, ministro das Cidades; e outras autoridades. Além de também presentes os deputados e senadores da bancada de Roraima, o prefeito da cidade de Boa Vista, Iradilson Sampaio, e à mesa conosco, além do Presidente, a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma



Rousseff, e o governador do estado de Roraima, Anchieta Júnior.

Bom dia, Presidente. Bem-vindo ao estado de Roraima.

Presidente: Bom dia, Márcia.

Jornalista: O senhor já esteve outras vezes em Roraima, mas esta é a primeira como presidente da República. Roraima é o menor colégio eleitoral do País e, com certeza, a capital mais distante geograficamente de Brasília. Qual é o seu sentimento, retornando tantos anos depois e desta vez como Presidente?

Presidente: Primeiro, nós poderíamos ter vindo muito mais vezes a Roraima, como eu fui em todo o território nacional, se nós tivéssemos conseguido fazer um acordo, ainda no ano de 2004, sobre a questão da demarcação das terras indígenas, se não criasse a polêmica que se criou no estado, as coisas poderiam ter (falha no áudio) com muito mais facilidade.

O dado concreto é que, ainda no tempo do ministro Márcio Thomaz Bastos, nós fizemos um pacote de coisas a serem feitas aqui no estado de Roraima. Parecia que tudo estava certo e, de repente, tudo desandou outra vez, até que as pessoas entraram na Justiça. Aí nós fomos obrigados a aguardar tranquilamente a decisão da Suprema Corte e ela saiu. Ela saiu e depois que ela saiu, já faz algum tempo que nós estamos organizando para vir aqui a Roraima. Nós estávamos esperando a ponte do rio Itacutú ficar pronta para a gente poder vir, estávamos trabalhando a regularização (falha no áudio) para o estado de Roraima. E agora que ficou tudo pronto, cá estou eu para a primeira visita. Eu espero que não seja a última antes de terminar o meu mandato.

Jornalista: Consuelo, aqui da rádio Transamérica e Tropical. Presidente,



quase metade do nosso estado é área que está demarcada e o senhor vai ter um encontro com as lideranças logo mais, à tarde. Qual é a proposta do governo federal para desenvolver essas comunidades indígenas? Temos aqui ao lado, na Venezuela, alguns exemplos de desenvolvimento sustentável, de ecoturismo, e aqui a gente ainda tem cerca separando o nosso acesso às belezas naturais. Como é que a gente pode fazer essa relação mais amigável, mais produtiva, em comunidades indígenas e não indígenas?

Presidente: Veja, primeiro eu acho que a relação tem que ser sempre amigável porque todos nós somos brasileiros, porque estamos todos dentro do território nacional. Nós estamos aprendendo, ao longo do tempo, com erros e com acertos, que uma terra indígena não é para ficar intocável do ponto de vista da produtividade, ou seja, é preciso que os índios tenham acesso a informações e tenham acesso a recursos para que eles possam fazer da terra uma terra produtiva, ganhar recurso e cuidar da sua família com dignidade, à base da origem cultural de uma nação indígena. E aí eu penso que mesmo as reservas que nós temos hoje, nós temos discutido muito isso na área do meio ambiente... Hoje você não pode demarcar uma reserva para deixar uma quantidade enorme de terra totalmente paralisada, sem render nada. É preciso que a gente comece a pensar [em] como desenvolver o ecoturismo dessas coisas, como desenvolver pequenas pousadas para que as pessoas possam visitar, para conhecer os rios, para conhecer a biodiversidade. Hoje acabou aquela ideia de que tudo seria intocável. O que nós queremos na verdade é desenvolver um turismo muito forte e, sobretudo, as reservas podem ser utilizadas para que a gente possa ter uma prática (incompreensível) de as pessoas visitarem, conhecerem.

Eu acho que isso hoje já é coisa do passado. Daqui para frente, veja, não existe mais a possibilidade de você fazer uma reserva indígena e deixar os índios segregados, ou você fazer a demarcação de uma área que vai ser uma



reserva extrativista e deixá-la, também, segregada. Ou seja, hoje nós precisamos fazer com que nessas áreas também seja um parque que a gente... que ele possa ser dessa população para que a gente tenha um bom turismo. Hoje, com o manejo da floresta, você pode, em algumas áreas, utilizar madeira para fazer móveis, para fazer... Tudo isso hoje está regulamentado, está na lei e acabou aquele negócio de que é tudo proibido. Na verdade, o que nós precisamos discutir é corretamente como fazer as coisas no Brasil, fazer corretamente, porque também a questão ambiental ganhou uma dimensão maior no mundo. Nós temos que ter claro que hoje cuidar corretamente do meio ambiente é ter uma vantagem comparativa para o Brasil na disputa com o mundo rico. Por quê? Porque nós ainda temos o que preservar. Eles já destruíram o que tinham que preservar e agora eles, na verdade, têm que pagar para que os países mais pobres possam preservar suas florestas, preservar sua fauna, e para que a gente possa receber, através do crédito de carbono, parte do dinheiro para desenvolver os países que têm floresta, os países africanos e aqui na América Latina.

Eu acho que o mundo deu um salto muito grande. Nós, agora, vamos para Copenhague e, em Copenhague, essa questão climática vai ganhar uma dimensão muito grande. Eu espero que nós façamos um bom acordo e não joguem nas costas dos pobres a responsabilidade pela preservação ambiental, achando que dando um pouquinho de dinheiro está resolvido o problema. Não. O que nós queremos é que os países ricos assumam a responsabilidade de emitir menos gases de efeito estufa e, em contrapartida, ajudem os países que têm florestas a preservar.

Essa política é uma política nacional. É uma política que vale para o estado de Roraima, vale para os índios que estão em São Paulo, vale para os índios que estão em qualquer parte do País. Nós precisamos dar um passo adiante para que os índios não fiquem segregados na sua terra, para que eles possam aprender a produzir, ter formação, conhecer tecnologia e viver



dignamente.

Jornalista: Natanael Vieira, representando a rádio Folha AM. Quero ressaltar que, a partir de agora, o senhor estará falando para todo o estado de Roraima, para os países (falha no áudio) Guiana e Venezuela.

Presidente, por ocasião da homologação da área da Raposa Serra do Sol, o governo federal prometeu, e foi ratificada pelo Supremo, que novas reservas não seriam mais demarcadas em Roraima. Só que logo após a homologação, a (incompreensível) iniciou procedimentos administrativos, mobilização de Ongs e população indígena, para a expansão de uma nova área e criação de outra. A pergunta é: a questão indígena anda fora de controle das decisões do governo federal?

Presidente: Primeiro, nós temos uma decisão da Suprema Corte e, com base nessa decisão, é o que nós faremos. O governo não questiona a decisão da Suprema Corte. Não é possível questionar a decisão. Decisão da Suprema Corte a gente cumpre e nem comenta, até porque é a instância superior que nós temos no Brasil. Ora, e lá tem, além da demarcação da Raposa Serra do Sol, tem uma série de diretrizes. Dentro daquelas diretrizes é que o governo se guia. Se tiver uma área que precisa ser demarcada, nós vamos demarcar, no Brasil, quantas áreas for necessário demarcar. Veja, nós precisamos também entender que o território brasileiro era ocupado pelos índios aqui em 1500. Durante muito tempo, apenas dizimaram os índios neste país, não cuidaram corretamente. De um tempo para cá nós temos tido um cuidado melhor em preservar, tentar fazer com que os índios melhorem de vida. E, na hora em que você demarcar – eu disse agora há pouco –, não é para você (incompreensível), está demarcada, não pode fazer nada. Aliás, na decisão da Suprema Corte diz claramente o que pode ser feito nas terras indígenas, portanto, agora, não depende do presidente da Funai, não depende do ministro



do Meio Ambiente, não depende do presidente do Ibama ou do presidente da República. Você tem uma decisão da Suprema Corte, com regras, com diretrizes, e que você apenas cumpre e acabou.

O que nós precisamos, eu disse isso aqui uma vez quando eu vim aqui como candidato em 1994 ou 1998, em uma reunião com o comerciantes – naquele tempo eram pouquinhos comerciantes porque era menor do que é hoje... Era preciso que a gente, em vez de ficar discutindo se o índio vai ter mais um quilômetro ou menos um quilômetro, a gente discutisse um projeto de desenvolvimento para Roraima, porque é verdade, também não foi demarcado, equivale a quase seis estados de Sergipe. Então nós temos muita coisa para fazer aqui. Então, com a regularização das terras aqui, com a entrega dos títulos que nós vamos fazer, com os investimentos que estamos fazendo aqui, que não é pouca coisa. Nós estamos investindo aqui praticamente R\$ 509 milhões, eu não sei na história de Roraima, em que momento da história veio tanto (falha no áudio). Grande parte deste dinheiro é para resolver o problema de água, resolver o problema de drenagem e de saneamento básico em Boa Vista. Nós queremos que as pessoas tenham terra para trabalhar. Nós, na medida em que a pessoa tem o título de terra figurada, ela vai ter crédito no Banco do Brasil, portanto ela vai ser muito mais produtiva, e o que nós queremos é que Roraima se desenvolva.

Nós temos discutido muito essa questão do desenvolvimento regional. Nós não podemos mais ter uma parte do Brasil rica e outra parte do Brasil pobre; uma parte do Brasil tendo tudo e outra parte do Brasil não tendo nada. Isso vale para o Norte do País, isso vale para o Nordeste do País. Então, nosso trabalho agora é para desenvolver, inclusive, aproveitou o que o Brasil tem com a Venezuela. Eles têm Santa Helena aqui do lado, ou seja, nós precisamos estabelecer parcerias para que a gente possa desenvolver os dois estados, a cidade de Santa Helena e o estado de Roraima, conjuntamente.

Essa estrada que nós estamos fazendo até Guiana, na verdade só quem



ganha é o Brasil com ela. O Brasil tem um potencial de ganhar extraordinário, porque o Brasil é a maior economia, porque Manaus está aqui, porque Roraima pode se transformar em um grande estado produtor de muita coisa. E aí você tem o Caribe aí, encostado, você pode fazer. Cabe ao Brasil assumir a responsabilidade e financiar essa estrada, na medida em que a Guiana não tem sequer capacidade de endividamento.

Nós vamos ter uma reunião com o presidente Jagdeo, hoje, e depois eu vou conversar com o ministro Guido Mantega, porque o Brasil é que tem que tomar a iniciativa de garantir que essas coisas funcionem corretamente, ou seja, o interesse é brasileiro. A palavra de ordem agora é cuidar do desenvolvimento regional. De vez em quando a gente precisa parar de chorar o que a gente não tem, para a gente construir aquilo que a gente precisa.

Eu acho que é isso, e por isso é que com todas as divergências políticas que aconteceram aqui, em toda discussão daquele sofrimento da demarcação da Raposa [Serra] do Sol, em nenhum momento o governo federal deixou Roraima de lado na questão dos investimentos do PAC, porque para nós o que interessa é o projeto e a necessidade da obra. Eu não quero saber se o governador é do partido A, do partido B, se o deputado é do A ou do B, se o prefeito é do A ou do B. Tem o povo, tem uma necessidade e nós temos dinheiro, nós temos que fazer. Tem sido assim no Brasil inteiro e vai continuar sendo assim, se Deus quiser.

Jornalista: Mário César, da 93FM. Presidente Lula, o governo federal, na sua administração, hoje é considerado o governo que mais investiu já e liberou recursos para o estado de Roraima. Já que o senhor está falando em desenvolvimento, em relação às novas descobertas do pré-sal, que é realmente uma previsão de que a economia do Brasil realmente vai expandir, com certeza absoluta. Com a liberação desse comércio para Roraima, vem a ZPE também. Em relação ao biodiesel, como é que está o projeto do biodiesel



aqui para o estado de Roraima, e também a construção do Porto de Caracará?

Presidente: Deixa eu lhe contar uma coisa. Primeiro, com relação a biodiesel, não é que tenha um projeto do governo para esse ou para aquele estado, ou seja, o projeto do governo é para o Brasil. O que nós gostaríamos era que empresários de Roraima, junto com empresários de outros estados brasileiros, resolvessem construir aqui em Roraima, onde é possível construir, ou para você produzir etanol... Veja, nós estamos perto do Mar do Caribe daqui. Se você produzir etanol aqui, você pode fazer esse etanol ser exportado com mais facilidade, até porque a Guiana tem um tratado especial com a União Europeia. É com essa cabeça que os nossos empresários têm que trabalhar. Se for possível, produzir biodiesel, plantar girassol, plantar mamona, plantar dendê. Nós temos que ver, porque nós estamos fazendo o zoneamento agroecológico de todas essas plantas, para que a gente possa saber qual o local correto que a gente pode plantar. Porque o que nós queremos é desenvolver essa matriz e, dentro de um espaço menor, a gente ter um B20 utilizando 20% da mistura com o óleo diesel.

Então, essa é uma política que eu chamo a minha paixão. Nós transformamos o biodiesel em matriz energética e nós agora precisamos fazê-la funcionar. Já estamos com o B4 e queremos chegar a B5, B6, B7, até você poder estar utilizando o tanto que você utiliza de álcool na gasolina ou, quem sabe, você liberar para que os carros possam até utilizar biodiesel, que é menos poluente.

A questão do pré-sal. Veja, nós quando fizemos o marco regulatório do pré-sal, nós fizemos ele, colocamos o modelo de partilha, vamos criar um Fundo, um Fundo de 190 milhões de brasileiros, esse Fundo vai ser aplicado e, o rendimento desse Fundo vai priorizar investimentos em algumas coisas que nós entendemos prioritárias, por exemplo, a educação. O melhor resultado que o pré-sal pode deixar para o Brasil é o Brasil com o seu povo com alta



formação intelectual, profissional.

Então, nós vamos investir muito na educação, para tirar o atraso que nós temos. Investir em ciência e tecnologia, que é o que vai permitir uma grande inovação tecnológica e fazer o Brasil disputar esse mundo globalizado com os chamados países ricos. A outra coisa é cuidar da questão ambiental, cuidar da questão cultural e cuidar da pobreza deste país. Obviamente que tem outras coisas. O projeto está no Congresso Nacional e eu acho que o Congresso vai tratar de melhorar, de tirar coisas, de colocar coisas, mas eu acho que vai sair um bom projeto, porque eu acho que o pré-sal é a grande oportunidade de nós resolvermos, definitivamente, os problemas que nós não resolvemos no século XX, resolver no século XXI. Não é uma coisa para hoje. É uma coisa que a gente só vai conseguir tirar o grosso do petróleo a partir de 2018, 2019, mas eu fui a Pernambuco na sexta-feira passada e já bati quilha do navio que vai ser construído, e só a Petrobras está contratando 200 navios. São mais de 38 sondas, são não sei quantas plataformas. Tudo isso tem que ser preparado agora, gerar empregos. A gente vai ter tecnologia nova e eu tenho certeza que isso vai dar ao Brasil aquilo que o Brasil não conseguiu no século XXI.

Eu acho que foi um presente de Deus. Se alguém tinha dúvida que Deus era brasileiro, eu acho que o pré-sal confirmou, definitivamente, que Ele nasceu no Brasil. E tem que ser distribuído de forma justa para todos os estados. A minha tese, Mário César, é que durante quase um século o Brasil apostou muito em algumas regiões do País. Se você pegar... se você medir o Brasil socialmente, onde tem mais mortalidade infantil? Norte e Nordeste. Onde tem mais desnutrição? Norte e Nordeste. Onde tem mais analfabetos? Norte e Nordeste. Aí você pega, onde tem mais doutores? São Paulo, Rio de Janeiro, Sudeste. Onde tem mais médicos? São Paulo. Então, agora, o que nós queremos? Nós não queremos tirar nada de nenhum estado. O que nós queremos é fazer com que a riqueza deste país chegue de forma mais justa e mais igualitária a todas as regiões do País. Vamos assumir os nossos 8



milhões e meio de quilômetros quadrados e vamos fazer deles uma única política, levando em conta as particularidades regionais.

Jornalista: Presidente, Aldenor Pimentel, Rádio Roraima, rádio AM em ondas tropicais. Vamos falar de eleições em 2010. Antes de o Partido dos Trabalhadores chegar à Presidência da República, o PT em Roraima sempre lançava candidatos próprios nas eleições para governador. Em 2006, o PT apoiou no estado o candidato no PMDB, Romero Jucá, que perdeu nas urnas para Ottomar Pinto e seu vice, hoje o governador José de Anchieta Júnior, os dois do PSDB. Romero Jucá hoje é líder do governo e o governador José de Anchieta, os dois mantêm um acordo administrativo. Nas eleições de 2010, Jucá deve apoiar Anchieta Júnior para governo do estado, e vice-versa, Anchieta Júnior deve apoiar Romero Jucá para o Senado. E o PT, apoiará o governo de Roraima, o candidato do PSDB para o governo de Roraima, o partido que é um adversário histórico do Partido dos Trabalhadores?

Presidente: Aldenor, veja, se você me fizesse uma pergunta lá de Brasília, onde eu estou, ou de São Bernardo, onde eu moro, ainda assim eu teria dificuldade de responder. Primeiro, eu não conheço a conjuntura política no estado. Depois, os partidos vão ter convenções apenas no meio do ano que vem. Muitas das coisas que estão discutindo agora podem não acontecer. Depois, eu não tenho como saber quem o PT aqui vai apoiar. Eu acho que o PT tem que saber quem é a base de sustentação do governo, trabalhar junto, ver que tipo de aliança você tinha que fazer para disputar as eleições.

O que eu espero é que... o povo brasileiro, em 2010, vai ter uma nova chance. Nós temos um problema psicológico, é um problema coletivo: muitas vezes se vota no candidato e, no dia seguinte, o candidato já não presta mais. Eu, uma vez, cheguei em uma cidade chamada... lá no rio São Francisco, em Minas Gerais, e fazia 15 dias que tinha tido eleição, me chamaram para um ato para



tirar o prefeito. Eu falei: eu não posso ir. Vocês acabaram de eleger o homem, ele mal tomou posse, gente. Tem que dar um tempo aí para saber o que ele vai... A construção de uma aliança política, muitas vezes supera a questão partidária, as relações partidárias porque às vezes o conceito que você tem em São Paulo, você não tem em Brasília, ou o que você tem em Brasília, você não tem em Roraima. Então, não pode ser uma tábua rasa em que tudo tem que ser feito igual em todo o território nacional. Não. As alianças são construídas (falha no áudio) realidade local de cada partido e também da realidade política de cada local.

Eu espero que o povo de Roraima faça o mais certo possível porque eu acho que é importante que o estado tenha o conjunto “governador, senadores e deputados” o mais comprometido com o estado possível, para melhorar mais a vida do estado.

Jornalista: Agora, presidente Lula, em relação à interligação da energia entre Boa Vista e Manaus, porque Roraima ainda depende muito da energia da Venezuela. Como é que está o projeto do governo do estado em relação... essa parceria do governo do estado com a Presidência da República para resolver o problema de interiorização da energia aqui no estado de Roraima?

Presidente: Nós vínhamos conversando com o ministro Lobão no avião. Nós estamos em um processo de estudo, porque nós precisamos garantir que Roraima não fique vivendo de sobressalto na questão energética. Nós temos um problema aqui em Roraima, que até o programa Luz para Todos aqui não funcionou como funcionou nos outros estados. Eu até pedi para o Lobão que aproveite a nossa estada aqui, sentar com o governador, ver o que está acontecendo com a empresa de energia aqui, para que a gente possa fazer com que o Luz para Todos em Roraima seja o mesmo sucesso que ele foi em nível nacional.



Nós temos alguns estados em que temos problemas porque as empresas estavam federalizadas. Nós resolvemos isso, colocando um companheiro para tomar conta dessas seis empresas, e nós precisamos cuidar porque... eu pedi ao ministro Lobão que até o final de 2010 a gente resolvesse, definitivamente, esse problema do Luz para Todos, porque eu gostaria de passar para a história como o presidente da República que apagou o último candeeiro neste país. Nós já cumrimos a primeira meta que assumimos compromisso, mas quando fomos a campo descobrimos que tinha mais 1 milhão de famílias precisando de energia, e assumimos o compromisso de fazer essas ligações.

Então, veja, para fazer o Luz para Todos aqui, Roraima tem que ter energia suficiente, não pode ficar de sobressalto. O ministro Lobão está aqui. Depois ele pode até vir aqui ao microfone, aqui, e dar uma palavrinha aqui, Lobão, como é que está a ligação da linha de transmissão Manaus-Boa Vista. Até porque, agora com a finalização do gasoduto Coari-Manaus, nós vamos ter energia suficiente em Manaus para a gente poder fazer a interligação. Nós já fizemos em quase todo o território nacional e agora vamos fazer entre as regiões que têm maiores problemas de energia.

Jornalista: Presidente, em relação... Vamos voltar à questão do desenvolvimento, principalmente na questão da área indígena, o governo federal está elaborando o novo código mineral, que prevê a criação de uma agência reguladora. Com o novo código e com os projetos de mineração em área indígena que já tramitam no Congresso, existe alguma possibilidade da mineração em áreas indígenas acontecer de fato e restrita a empresas com o novo código? Como ele vai detectar aqui em Roraima?

Presidente: Olha, o ministro Lobão está trabalhando a elaboração desse novo código. A verdade é que nós queremos dar mais seriedade à questão da



exploração de minérios, do estudo do nosso subsolo, porque até agora isso estava muito frouxo, qualquer empresa conseguia uma autorização para fazer pesquisa. Daqui a pouco essa empresa começava a explorar, não tinha muito critério. Então, o ministro Lobão resolveu que a partir de agora vai fazer um novo marco regulatório para que a coisa funcione com seriedade. Depois que terminar a minha parte da entrevista aqui, tem duas entrevistas que são totalmente pertinentes ao Lobão. Ele pode se sentar aqui no meu lugar e falar sobre o marco regulatório da questão mineral do País.

Jornalista: Presidente, ainda sobre desenvolvimento regional e área de fronteira. O presidente Lula assume compromisso, mais um compromisso com o povo de Roraima, com relação a... será que sai até o final do seu mandato o asfaltamento de Lethen até Linden? E também, dá para o governo federal dar uma força junto ao Senado com relação ao ingresso da Venezuela no Mercosul, já que para nós, aqui de Roraima, essa é uma questão muito importante?

Presidente: Olhe, eu espero que o Jucá tenha ficado sensibilizado quando foi passar o dia ouvindo um programa de rádio do estado. Eu acho que tem um equívoco, que algumas pessoas acham que a Venezuela não deveria entrar no Mercosul. Para nós, é extremamente [importante] que a Venezuela entre no Mercosul, não só porque a Venezuela é um grande parceiro do Brasil, não só porque a Venezuela compra muito do Brasil, não só porque estamos fazendo uma parceria na construção da refinaria Abreu e Lima em Pernambuco, não só porque tem muitas empresas brasileiras fazendo investimento na Venezuela, mas porque a Venezuela é uma das grandes economias da América do Sul. Eu espero que entre a Venezuela, eu espero que entre a Colômbia. Nós já criamos a Unasul. Eu trabalho com a ideia de que logo, logo a Unasul esteja todo no Mercosul e a gente tenha um grande bloco financeiro e comercial aqui no



nosso continente.

Eu acho que vai ser aprovado, vai ser aprovado. Eu estou convencido de que vai ser aprovado, não há porque não aprovar. Eu acho que do ponto de vista político, para o Brasil, seria muito ruim se não fosse aprovado. Não há porquê as pessoas temerem a entrada da Venezuela. Eu acho que ela será uma parceira (falha no áudio) com a Embrapa, ajudando a desenvolver a agricultura. Nós estamos lá com a ABDI, ajudando a desenvolver indústrias. Nós já apresentamos sete projetos de cadeias produtivas na Venezuela. Nós estamos lá inclusive com a Caixa Econômica Federal, para ajudar o companheiro Chávez a fazer habitação para a população.

Então, eu não vejo como o Senado vai dizer “não vai entrar”, eu não sei. Eu estou convencido de que deve entrar e deve entrar logo. Eu espero que a votação se dê ainda este ano, porque seria importante que na reunião do Mercosul, dia 18 de dezembro, a gente pudesse ter o Chávez participando definitivamente.

Jornalista: Presidente, embora o senhor tenha brigado com a área de livre comércio (incompreensível), até hoje não conseguiu uma forma (incompreensível) das mercadorias importadas dentro da área de livre comércio. Hoje, a Receita Federal, ela... criação das áreas de livre comércio na região amazônica?

Presidente: Veja, eu acho que o problema não é que a Receita Federal “resista a isso ou àquilo”. A Receita Federal tem chefe. Então eu penso que os governadores do Norte do País precisam, junto com os líderes políticos da região, ir ao Ministro da Fazenda e discutir a necessidade de se implantar. Porque a Receita Federal pode ter as suas vantagens enquanto corporação, mas é o governo que delibera politicamente o que as coisas vão fazer. Então eu sugiro ao governador Anchieta que procure outros governadores e que se



dirija aos ministro Guido Mantega para fazer a demanda. Porque se ficar dependendo de um ou de outro cidadão da receita daqui ou de outra região, pode ser que a (incompreensível) a fazer, mas na hora em que o governo decidir que vai implantar, passa a ser política de governo, e o Ministério da Fazenda vai cuidar de que isso tudo seja (incompreensível).

Jornalista: Agora, presidente Lula, o senhor entra para a história de Roraima porque depois de anos que a população sonhava em ter suas próprias terras, o senhor assinou uma Medida Provisória liberando as terras para o estado de Roraima. Agora, em relação à agricultura familiar, o que o presidente Lula poderia falar em relação a melhorar mais a exportação dos nossos produtos e o investimento maior na agricultura familiar no estado de Roraima?

Presidente: Ô, Mário César...

Jornalista: Porque hoje as terras existem, não é?

Presidente: Ô, Mário César, contar uma coisa para você, que muitas vezes é triste. Eu, de vez em quando, descubro terras da União que o Inkra administra que eu não consigo entender porque essas terras ainda estão na mão do Inkra. Nó estamos falando aqui de área rural, mas eu fui a Porto Velho um dia desses, eu fui a um bairro de Porto Velho, um bairro que tem mais de 20 mil casas, e tem mais de 20 mil casas que estão em terras do Inkra, ainda, e não foi dado o título. E eu fiquei sabendo no palanque. Eu fiquei sabendo no palanque que aquela terra era terra da União e que estava na mão do Inkra. Sabe, eu achei aquilo um absurdo. Mas agora parece – a Dilma foi lá entregar, porque no palanque eu mesmo denunciei que ia ser. Aqui também eu estou sabendo que tem. Eu acho absurdo.

Na medida em que você decidiu que Roraima ia ser estado, que ia ter



autonomia, o mínimo que você tem que fazer é dar as terras para o estado ou dar uma parte das terras para o estado. A União fica com aquilo que é imprescindível para as nossas Forças Armadas, aquilo que é imprescindível na área de fronteira, senão o estado fica impedido.

Por que é importante essas pessoas receberem o título agora? É porque essas pessoas agora passam a ser cidadãos, elas têm uma escritura e, com essa escritura, elas vão no banco, elas vão ter empréstimo pelo Pronaf. Elas podem entrar no programa Mais Alimentos, em que nós estamos financiando R\$ 25 bilhões em tratores de até 78 cavalos e em implementos agrícolas. Agora, quando elas pegarem o título... eu espero que saia logo porque eu fui ao Amapá há dois anos entregar títulos e nunca saíram os títulos. Eu fui lá, fiz um ato, e depois é o órgão estadual que tem que legalizar e não legalizou até agora. É difícil. Aqui nós vamos entregar diretamente.

Então, eu acho que esse é o benefício maior que Roraima poderia ter, ou seja, é o povo de Roraima se sentir dono do seu nariz. O cidadão vai ter o seu título, pendurar na porta da sua casa, com endereço, e todo mundo vai dizer: "Agora eu sou cidadão, agora eu vou no Banco do Brasil pegar dinheiro emprestado, agora eu vou plantar". E nós temos que garantir... nós temos uma política muito forte para a agricultura familiar. Quando nós aprovamos agora que, pelo menos 30% da compra para a merenda escolar seja do pequeno produtor, isso deu um salto extraordinário. Quando nós criamos o PAA, que é um programa de compra de alimentos do pequeno produtor, isso tem ajudado muita gente. Quando nós assumimos a responsabilidade de comprar o leite, sobretudo nas regiões mais empobrecidas, isso garante a produção.

Ora, na medida em que as pessoas comecem a produzir cada vez mais, de melhor qualidade, não vão vender apenas aqui em Roraima, não vão vender apenas em Boa Vista. Vai se abrir um leque importante, sobretudo se nós levarmos em conta que nós temos a Guiana aqui do lado, com menos capacidade produtiva do que o Brasil, e se nós levarmos em conta que temos



do lado um grande país que compra, sabe, de produtos e alimentos do Brasil e da Colômbia, quase US\$ 10 bilhões por ano. Então, tem um mercado potencial extraordinário. O que eu espero é que a gente exerça essa força que o Brasil tem, para que a gente possa produzir cada vez mais e melhorar a vida do povo de Roraima.

Jornalista: Presidente, de acordo com a revista Exame, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, teria proposto o seu nome para a Presidência do Banco Mundial tendo, inclusive, consultado informalmente pessoas próximas ao senhor sobre o assunto. Na sua visão, o que isso representa e o que o senhor pretende fazer após deixar a Presidência do Brasil?

Presidente: Olha, o que isso representa é que nem sempre a gente tem que acreditar naquilo que a gente lê. Nunca houve essa conversa comigo, nunca houve essa conversa comigo, e eu te confesso que se eu fosse chamado eu não iria, porque eu não me vejo morando em Washington. Eu, quando muito, quero voltar para Recife e viver tranquilamente lá na beira da praia da Boa Viagem, se a dona Marisa quiser, e como a dona Marisa é galega, de São Bernardo do Campo, ela não gosta de sol em hipótese alguma. Então, eu tenho esse conflito, que eu quero ir para o mar, ela quer ficar perto do mato. Mas, não existe essa conversa, não houve essa conversa, e se houver essa conversa, eu vou dizer para o presidente Obama que eu não tenho interesse em ir para o Banco Mundial.

Jornalista: Agora, presidente Lula, os empresários brasileiros hoje declaram que o Brasil vive um grande momento econômico por conta da sua *performance* de vender bem a imagem do Brasil no exterior. Como é que o senhor analisa a declaração dos empresários, enquanto que a oposição, no Senado, diz que o governo gasta muito, que o governo federal gasta muito?



Como é que o senhor analisa essas colocações, presidente Lula?

Presidente: Olhe, nós tivemos que fazer uma opção, porque promete para o povo melhor saúde, melhor educação, melhor atendimento, e isso só é possível se você tiver funcionários trabalhando o (incompreensível) de forma adequada, satisfeitos para atender o povo. O que nós tivemos que fazer? Nós tivemos que recompor a máquina pública brasileira, que estava desmontada. Você fazia uma... você transformava uma área em reserva nacional, num parque nacional, e você não tinha um cidadão do Ibama para você colocar naquela reserva. Você não tinha sequer médico perito para fazer exame nas pessoas que se acidentavam, na Previdência Social. Uma pessoa demorava oito meses para marcar uma perícia médica. Hoje essa pessoa marca... Roraima deve estar marcando em dois dias porque liga em um número e marca por telefone.

Então, nós tivemos que recuperar a máquina, e nós vamos continuar investindo mais porque quanto mais escolas a gente fizer, mais nós vamos precisar de professor, vamos precisar de funcionários. Quanto mais médicos a gente... quanto mais a gente quiser investir na saúde, mais vamos ter que contratar gente. Agora mesmo, quando nós começamos a fazer o PAC, nós descobrimos que era preciso contratar engenheiros, porque era preciso acompanhar o PAC corretamente.

Então, isso nós vamos continuar fazendo porque a oposição, na verdade, o que ela queria era desmontar o Estado. O Estado não valia nada, o Estado não prestava para nada. Agora que veio a crise econômica, quem salvou o mundo foi o Estado. Se não tivesse havido a intervenção do Obama, da Angela Merkel, do Sarkozy, a nossa... que se a gente não tivesse feito o Banco do Brasil comprar a Nossa Caixa, em São Paulo, feito o Banco do Brasil comprar metade do Banco Votorantin, assumir o Banco do Piauí, assumir o Banco de Santa Catarina, assumir o Banco do Espírito Santo, nós não tínhamos feito o Banco do Brasil voltar a ser o primeiro banco do Brasil, outra



vez, e não tínhamos condições de fazer o empréstimo que nós fizemos. A gente não tinha experiência em financiar carro usado. Nós precisamos comprar o Votorantin, exatamente para utilizar a experiência do Votorantin, que era quem tinha a maior carteira de carro usado do Brasil – tinha 90 bilhões de carteira. Então, nós ficamos sócios e hoje o Banco do Brasil está financiando carro usado para a felicidade de vocês que estão aqui nesta mesa poder trocar o carro novo de vocês.

A segunda coisa, que eu acho extremamente importante, é que essa crise, essa crise... O Brasil... Teve dois componentes importantes que salvou o Brasil: primeiro, o Estado brasileiro. E tomamos todas as medidas que tínhamos que tomar. Quando a indústria automobilística não vendia nós reduzimos o IPI ela voltou a bater recorde. Quando tinha problema de vender geladeira, máquina e fogão, nós reduzimos outra vez o imposto. As máquinas venderam 37% em um (falha no áudio), 37% que cresceu. Porque as mulheres iam à loja, e o que era a independência das mulheres era ter uma máquina para tirá-las do tanque ou tirá-las da pia de lavar louça.

Material de construção civil. No auge da crise, nós lançamos o programa Minha Casa, Minha Vida, que é um desafio, não para o governo, é um desafio para a classe empresarial brasileira saber se a gente tem condições de construir um milhão de casas. Não é todo mundo que diz se pode, não. Porque quando eu perguntei para os empresários: eu quero fazer um grande programa, quantas casas vocês acham que a gente deve anunciar? “Ah, 200 mil”. Eu falei: 200 mil não é programa, é uma ninharia que nós já fazemos habitualmente. Eu quero fazer um milhão de casas, vamos topar? “Vamos”. Está lançado o desafio. Então, o pessoal está cadastrando e vamos ver se a gente consegue produzir essas casas. E, depois, quem ajudou a salvar o Brasil foi o povo, sobretudo a parte mais pobre da população que não parou de comprar. Porque se deixassem se levar pelo pânico vendido em algumas manchetes, o povo nem saía de casa de medo da crise.



Eu fui para televisão dia 22 de dezembro pedir para o povo consumir. “Se você está com medo de perder o emprego e por isso você não está comprando, você vai perder o emprego exatamente por não comprar. Então, compre. Não faça muita dívida, tenha cuidado, mas vá e compre porque este país precisa ver a roda da economia girar, (incompreensível)”. É por isso que o Brasil foi o último a entrar e o primeiro a sair da crise. Isso, para nós, é gratificante. Os últimos números do PIB são muito alentadores. Significa que a gente vai terminar o ano em uma fase boa e vamos começar o ano que vem em uma fase, eu diria, muito melhor. Neste mês de agosto agora – não foram publicados os números, devem ser publicados no dia 17 – mas, certamente nós vamos bater outra vez recorde da criação de empregos. Deverá ser por volta de 150 mil empregos. Enquanto o mundo inteiro está tendo desemprego, nós vamos chegar no final do ano com quase 1 milhão de empregos novos criados, com carteira profissional assinada.

É isso. Então, o Brasil é isso. O Brasil tem uma coisa importante. É o seguinte: o Brasil voltou a recuperar a autoestima. Nós passamos a gostar de nós mesmos. Nós não somos mais tratados, nem pelos outros e nem por nós mesmos, como se fôssemos cidadãos de segunda categoria. Teve um tempo em que neste país aqui todo mundo se achava inferior. As coisas americanas eram melhores, as coisas europeias eram melhores, as coisas dos outros países eram melhores. Tudo nosso era como se fosse de segunda categoria, e nós aprendemos a gostar de nós mesmos, aprendemos a nos respeitar, aprendemos a ter autoestima, e eu acho que isso é a grande (incompreensível) que o Brasil tem nesse momento. Como dizia o meu ajudante-de-ordens ontem no avião: “Chegou a vez do Brasil”. O Brasil é a bola da vez e, portanto, nós não iremos desperdiçar o século XXI como nós desperdiçamos o século XX.

Este país, de 1950 a 1980, foi a economia que mais cresceu durante 30 anos consecutivos. O que aconteceu? Como a riqueza não foi distribuída, quem era rico ficou muito rico e quem era pobre ficou muito pobre. Nós temos



essa lição de vida e não podemos permitir que se repita no Brasil. Daí porque eu acho que o século XXI será o nosso século.

Jornalista: Inclusive, Presidente, o relatório do Fórum Econômico Mundial aponta o Brasil como o país mais competitivo entre as nações emergentes. Logicamente, que temos muitas coisas para mudar ou aperfeiçoar. Eu queria entrar na pauta desta semana, principalmente que em relação à crise do Senado, antes de a gente se despedir dessa conversa, a gente sabe que com a crise no Senado vários projetos importantes não conseguem ser votados. O da reforma eleitoral é um deles, passou para esta semana, foi adiado para esta semana, analisando os pontos mais polêmicos que é uma questão também do uso da internet nas campanhas eleitorais. O senador Aloizio Mercadante, que é líder do PT no Senado, defende a liberdade da internet nas campanhas, mas há uma grande parte que defende as restrições. O senhor concorda com aqueles que dizem que a internet deve ter as mesmas regras do rádio e da televisão nas campanhas?

Presidente: Olha, primeiro, seria impossível você imaginar que você vai controlar a internet. A internet é uma coisa que fugiu ao controle do seu criador, a verdade é esta. O (incompreensível) da internet é uma coisa... nós vamos ter que discutir muito. O que é importante é que a gente tenha o seguinte cuidado: a gente precisa normatizar sem proibir a liberdade de utilização da internet. Você não pode permitir determinadas coisas na internet. Eu estive, por exemplo, assistindo, dos senadores que participam da CPI da Pedofilia, coisas que eu acho que têm que ser proibidas. Na verdade, em vez de proibir, o que nós temos que fazer é responsabilizar quem usa a internet, para que a gente possa ter um instrumento de conhecimento que o mundo não conheceu. Está conhecendo nesta geração agora.

Então, você veja um moleque de dez anos, de oito anos, de nove anos,



a capacidade, os instrumentos que ele tem, de acesso à informação, é uma coisa que a gente não tinha no século XX. Está tendo agora. Tentar proibir isso, eu acho que é uma loucura, e eu acho que a eleição não pode ser uma coisa que cause tanto medo em algumas pessoas, que queiram proibir. Nós brigamos a vida inteira por liberdade política, liberdade de organização partidária, liberdade de expressão, liberdade de comunicação, você começa a trancar isso. Eu já fui muito vítima disso, e eu acho que tem que ser livre mesmo porque é importante as pessoas saberem quem é candidato, que a vida das pessoas seja cutucada na internet também, porque tem coisa boa e coisa ruim. Vamos dar aos internautas o direito de viajar e descobrir mais coisas.

Eu acho que é uma conquista extraordinária e a vantagem do Brasil sobre os demais países é que o Brasil tem mais instituição, tem mais democracia que a maioria dos países. Essa é uma vantagem do Brasil. As nossas instituições estão sólidas. Elas podem ter deficiências, como tem em qualquer lugar do mundo, e a democracia no Brasil, ninguém pode dizer que não existe. Se tem um país democrático, é o Brasil.

Então, eu estou muito feliz pelo momento que o Brasil está vivendo, muito feliz. Eu (incompreensível) no começo do meu governo, nós colocamos uma publicidade na televisão com o Ronaldo, que ele dizia: “eu sou brasileiro e não desisto nunca”. Aquilo era para tentar elevar o moral da tropa. Eu quando perdi a eleição e eu perdi muitas, o Brizola tinha uma palavra que ele dizia: “eu vou me recolher e vou lamber minhas feridas”. Eu não tinha esse direito. Eu perdi em novembro, em janeiro eu já estava viajando o Brasil para levantar o moral da tropa. Se o pessoal fica de cabeça baixa, aí sim é que não dá certo. Então, nós fizemos aquela propaganda para levantar o moral do Brasil. Para o Brasil falar “pô, espera aí, nós somos uma grande nação, nós não devemos nada a ninguém”. E hoje mais orgulho ainda porque a gente até emprestou um dinheirinho para o FMI. Em vez de dever, a gente emprestou um dinheirinho para eles. Então, eu acho que esse orgulho é uma coisa saudável para o



Brasil. É muito saudável a gente ver que as pessoas agora começam a ter mais orgulho, a olhar mais para a nossa bandeira. É isso que nós precisamos.

Jornalista: Presidente Lula, eu sei que a entrevista vai encerrar, mas a ZPE vem quando?

Presidente: A ZPE está precisando apenas ser regulamentada. Eu tenho sido cobrado dos governadores porque foi uma votação importante e agora nós estamos em fase de regular para começar a implantá-la. Eu espero que Roraima tenha a sua, espero que o Amapá tenha a sua, espero que outros estados tenham para que a gente possa ajudar a (incompreensível) o País. Acredito demais nisso. Eu acho que de qualquer forma vai ajudar no desenvolvimento do País.

Jornalista: Presidente, o lado guianiense sai o asfalto ainda este...no seu mandato?

Presidente: Olha, o que nós queremos é que saia asfalto em tudo. Nós temos, nós temos muito a fazer. Guiana tem dificuldade de fazer empréstimo. Então, a nossa ideia é combinar para que a gente possa garantir que o governo empreste um pouco e um outro pouco seja quem sabe até, até um empréstimo do Brasil. O Brasil pode fazer esse empréstimo sem querer receber porque é de interesse do Brasil. Não é uma obra que interessa a Guiana, interessa sobretudo ao Brasil, que vai ter o mar do Caribe todinho à disposição do Brasil com um potencial de desenvolvimento extraordinário.

Jornalista: Obrigada, Presidente.



Presidente: Olha, eu quero agradecer Consuelo, Márcia, Altenor, Mário César e Natael. Vocês sabem que a coisa mais gostosa do mundo é dar entrevista para rádio. Duas coisas: primeiro, que a gente fala mais à vontade. Segundo, quem está ouvindo não está vendo a cara da gente, não sabe se a gente é feio ou se é bonito, então, portanto, não tem essa de fazer, de fazer, de tirar impressão da gente pela cara. De qualquer forma, eu acho que o rádio é uma coisa insuperável, do ponto de vista da comunicação. Parabéns e boa sorte para vocês!

Jornalista: Obrigada, Presidente. Obrigado.

(\$31DHJLP)